



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

“O CASO DA VARA” E “PAI CONTRA MÃE”: NARRATIVAS NA CONTRACORRENTE DA DISSIMULAÇÃO MACHADIANA SOBRE A ESCRAVIDÃO



“O CASO DA VARA” AND “PAI CONTRA MÃE”: NARRATIVES IN THE COUNTERCURRENT OF MACHADIAN DISSIMULATION ABOUT SLAVERY

Adão Marcelo Lima Freire ALVES
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Maranhão, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 13/04/2021 • APROVADO EM 25/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i3.3406>

Resumo

Este artigo analisa os contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, publicados respectivamente em 1899 e 1906 nas coletâneas *Páginas recolhidas* e *Relíquias de casa velha*. Trabalhamos com a hipótese de que, nessas duas narrativas, a dissimulação e a capoeira verbal machadianas perdem a centralidade em face da ascensão do combate e da exposição menos velada da crítica ao sistema de escravidão no Brasil do século XIX. Menos interessados em analisar os contos com a perspectiva do historiador social que do crítico, nosso intuito é explicar a representação da escravidão brasileira oitocentista através dos procedimentos narrativos operados por Machado de Assis. Compreendemos que a posição que o narrador ocupa nessas histórias é fundamental para o exame que o Bruxo do Cosme Velho faz da situação do homem negro escravizado. Em diálogo com Duarte (2020),

Mbembe (2018, 2019), Chalhoub (2003, 2020), Schwarz (2006) e Adorno (2003), procuramos estabelecer uma perspectiva crítica sobre o tema da escravização e das técnicas narrativas de Machado de Assis.

Abstract

This article analyzes the short stories “O caso da vara” and “Pai contra mãe”, published in 1899 and 1906 respectively in the collections *Páginas recolhidas* and *Relíquias de casa velha*. We work with the hypothesis that, in these two narratives, Machado's dissimulation and verbal capoeira lose their centrality in the face of the rise of combat and the less veiled exposure of criticism to the slavery system in 19th century Brazil. Less interested in analyzing the stories from the social historian perspective than the critic, our aim is to explain the representation of 19th century Brazilian slavery through the narrative procedures operated by Machado de Assis. We understand that the position that the narrator occupies in these stories is fundamental for the examination that the Wizard of Cosme Velho makes of the enslaved black man situation. In dialogue with Duarte (2020), Mbembe (2018, 2019), Chalhoub (2003, 2020), Schwarz (2006) and Adorno (2003), we seek to establish a critical perspective on the slavery subject and Machado de Assis' narrative techniques.

Entradas para indexação

Palavras-chave: “O caso da vara”. “Pai contra mãe”. Escravidão. Dissimulação. Posição do narrador.

Keywords: “O caso da vara”. “Pai contra mãe”. Slavery. Dissimulation. Narrator's position.

Texto integral

Introdução

O Tráfico Negreiro tornou a África única em sua história colonial. Embora a escravização em si tenha existido desde a Antiguidade e permaneça familiar em muitas partes diferentes do mundo, o Tráfico Negreiro foi único do povo africano, pois, pela primeira vez na história, seres humanos se tornaram artigos de comércio

(Grada Kilomba, *Memórias da plantação*)

E se uma parte de nossos estudiosos imaginou que o mais avançado e universal dos escritores brasileiros passava ao largo da iniquidade sistemática mercê da qual o país se inseria na cena contemporânea, terá sido por uma cegueira também ela histórica, parente mais ou menos longínqua da desfaçatez que Machado *imitava*

(Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo*)

Neste artigo, analisamos os contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, publicados, respectivamente, em 1899 e 1906, nas coletâneas *Páginas recolhidas* e *Relíquias de casa velha*. Trabalhamos com a hipótese de que, nessas duas narrativas, a dissimulação e a capoeira verbal machadianas (DUARTE, 2020) perdem a centralidade em face da ascensão do combate e da exposição menos

velada da crítica ao sistema de escravidão no Brasil do século XIX. Não estamos sugerindo que Machado se utiliza da escrita aos moldes de Luiz Gama¹, todavia é certo que, nesses contos, ele expõe, de maneira mais direta, sua posição sobre a escravatura do que o fez em “O espelho”.

Menos interessados em analisar os contos com a perspectiva do historiador social² que do crítico, nosso intuito é explicar a representação da escravidão brasileira oitocentista através dos procedimentos narrativos operados por Machado de Assis. Compreendemos que a posição que o narrador ocupa nessas histórias é fundamental no exame que o Bruxo do Cosme Velho faz da situação do homem negro escravizado.

A presença do negro e de um conjunto de hábitos próprios da escravidão no Brasil no século XIX estão materializados na obra de Machado de Assis. Se antes a crítica literária apontava ausência de posicionamento do autor a favor da abolição, hoje esse argumento não encontra amparo quando confrontado com uma leitura atenta da obra de Machado.

Surpreso, encontrava naqueles textos [de Machado de Assis] exposição detalhada das políticas de dominação social que buscava reconstituir a partir de outras fontes históricas; perplexo, percebia ali muita alegoria e reflexão sistemática sobre a experiência social de escravos, dependentes e outros sujeitos que, dizia-se, não estavam no centro da obra de Machado (CHALHOUB, 2003, p. 9-10).

Como observa o autor, Machado de Assis reconstituiu um painel variado de situações, permitindo ao leitor uma percepção da “experiência social dos escravos”.

Na primeira parte deste artigo, apresentamos uma análise do conto “O espelho”, com o objetivo de evidenciar a capoeira verbal machadiana. Em outras palavras, demonstramos que, nesse conto, o escritor utiliza a dissimulação como estratégia narrativa na representação do regime escravocrata. O desvio se arma quando a história se encaminha pela discussão da constituição metafísica do ser. Aos poucos, no entanto, fica mais evidente a nota dominante da história: o conflito construído na relação entre o aspecto senhorial de Jacobina e a posição dos escravos.

Na segunda parte, examinamos os contos “Pai contra mãe” e “O caso da vara”, com o intuito de demonstrar que, diferente de “O espelho”, nessas duas histórias, a estratégia narrativa é de outra ordem. Ao adotar o ângulo narrativo em

¹ Cf. o ensaio “O caramujo e o carcará”, de Duarte (2020). Para cotejar o procedimento poético de Luiz Gama face à desfaçatez da narrativa de Machado de Assis, cf. *Trovas burlscas* (2016), notadamente os poemas “No álbum”, “Coleirinho”, “Quem sou eu?”, “A cativa” e “Minha mãe”.

² Em se tratando da obra de Machado de Assis, o interesse do historiador social não recai, de modo privilegiado, no aspecto estético, na arquitetura literária, mas sim na tentativa de compreensão das experiências dos sujeitos em uma sociedade. Cf. entrevista com Chalhoub (2015). Para se fixar apenas outro exemplo, em *Machado de Assis* (2003), Sidney Chalhoub deixa evidente o tipo de abordagem que realiza na obra machadiana: “Tinha de descobrir pareceres sobre a lei de 1871 [Lei do Ventre Livre], pelo encanto do desafio, mas também porque *o meu modo de ler os romances de Machado dependia muito visceralmente de interpretar o sentido da experiência histórica da década de 1870*” (CHALHOUB, 2003, p. 11, grifo nosso).

terceira pessoa, Machado de Assis assume uma postura de oposição mais incisiva em relação à instituição escravocrata. A consequência do procedimento narrativo é a ascensão da barbárie do regime em seus variados matizes.

A inscrição da capoeira verbal machadiana em “O espelho”

Acusado de absentéismo por não tematizar em sua obra literária a luta contra a escravidão no Brasil, Machado de Assis foi, durante muito tempo, apontado pela crítica como autor alheio a essa questão³. O Bruxo do Cosme Velho era, antes, o escritor de causas “universais”, cuja produção literária ombreava-se com a dos grandes autores europeus. Assim, a imagem de Machado e seu trabalho de ficcionista foram, desde o início, dissociados de embates a favor da abolição da escravatura. Sua origem afrodescendente também sofreu recalçamento⁴.

Na contramão dessa recepção sobre Machado de Assis, demonstraremos que o autor não só estava preocupado com as questões do seu tempo e do seu lugar, como também foi um intelectual muito sensível à situação de penúria dos escravizados. Mesmo que, em grande medida, sua obra não estabeleça embate direto contra o sistema escravocrata, é certo que Machado não pode mais ser lido hoje como um escritor distante do problema da escravidão no Brasil oitocentista. Lembremos que “Machado não foi autor de reptos ou libelos bombásticos. Descartava sempre a polêmica, o panfleto” (DUARTE, 2020, p. 285), o que, de nenhuma maneira, é sinal de que o escritor se omitiu de debater questões e problemas de sua época.

A dissimulação é um tema recorrente nas obras de Machado de Assis, e podemos encontrá-la tanto em narrativas curtas, a exemplo de “Missa do Galo”, quanto na sua obra-monumento: *Dom Casmurro*, de 1899, sendo que, neste artigo, apresentamos a dissimulação não como atributo do caráter das personagens do autor, mas como estratégia narrativa machadiana para abordar o tema da escravidão em contos, crônicas e romances. Em “A capoeira literária de Machado de Assis”, ensaio de Eduardo de Assis Duarte, compreendemos que a principal característica da capoeira

[...] é a *ginga*, movimento de corpo destinado a enganar o oponente, e que traduz toda a malícia inerente à prática de dissimular os golpes em esquivos passos de dança. O praticante da capoeira usa o *gingado* ou ato de *gingar*, que consiste em bambolear o corpo para a direita e a esquerda, a fim de confundir o adversário, escapar de seus golpes, e procurar o momento e o

³ Sem dúvida, Roberto Schwarz é um dos críticos responsáveis por desfazer a imagem de um Machado distante dos dilemas sociais de sua época. O monumental *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012), *Dois meninas* (2006) e “As ideias fora do lugar”, famoso ensaio de abertura de *Ao vencedor as batatas* (2000), dão nota sobre a investidura crítica de alto nível que a obra machadiana recebia.

⁴ Em 2011, em comemoração aos 150 da Caixa Econômica Federal, esse banco fez uma campanha publicitária retratando Machado de Assis com um ator branco. Isso demonstra que a figura de Machado ainda penetra o imaginário social brasileiro na condição de escritor branco. Cf. Simon (2011).

ângulo certos para atacar (DUARTE, 2020, p. 283-284, grifo do autor).

Neste ensaio, Duarte (2020) lança mão do conceito de “capoeira” como metáfora da dissimulação do estilo machadiano na abordagem da escravidão. Segundo o pesquisador, esse escritor caramujo⁵ trabalha no esquema de “ataque” e “esquiva” com vistas a criticar a maquinaria da escravidão, ao tempo em que também possibilita que seu texto circule livremente pelas várias esferas do corpo social, evidenciando que “A dissimulação é também o caminho escolhido por Machado de Assis, em especial no que diz respeito ao pendor crítico que perpassa seus textos, tanto na crônica como na ficção” (DUARTE, 2020, p. 285).

Propomos como objeto de análise e ilustração da capoeira de Machado o conto “O espelho”, publicado na coletânea *Papéis avulsos* de 1882, narrativa em que acompanhamos a história de cinco homens reunidos em torno da discussão de temas metafísicos. A história começa sendo exposta por um narrador externo, que logo cede a palavra para o relato de Jacobina, um dos cinco varões reunidos. Eis que, na discussão metafísica,

Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião – uma conjectura, ao menos.

– Nem conjectura, nem opinião – redargüiu ele: – uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata (ASSIS, 2006, p. 136).

Analisando esse fragmento, percebemos o aspecto despótico de Jacobina, que prefere o silêncio dos pares a eventuais contra-argumentos diante da sua exposição. O “Se quiserem me ouvir calados” sintetiza bem essa nota autoritária da personagem. Se nossa hipótese de leitura estiver correta, podemos dizer que, logo no quarto parágrafo da narrativa, Machado já “revela” o argumento que desenvolverá adiante, ou seja, desde o princípio, o autor chama a atenção para a nota senhorial que recobre Jacobina e cujo contraste agudo é a figura dos escravos. Não custa lembrar que Jacobina era pobre, mas o cargo de alferes que lhe é concedido aos vinte e cinco anos o reveste de uma personalidade outra.

No relato da personagem, é o mote metafísico que nos guiará para o tema central do conto: a escravidão. Nas palavras de Jacobina,

[...] não há uma só alma, há duas...
– Duas?

⁵ A imagem do caramujo remete à maneira como o próprio Machado de Assis se via. A metáfora do escritor caramujo “[...] constrói em tom de autoironia o guerrilheiro dissimulado, que ataca e se esconde, e que prefere a emboscada noturna ao embate à luz do dia” (DUARTE, 2020, p. 332). Em chave semelhante, comentando o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2008), Roberto Schwarz afirma que “A presença do escravismo [nas *Memórias*] é determinante, [...] embora as figuras de escravos sejam raras. Um poucas anedotas esparsas bastam para fixar as perspectivas essenciais. A parcimônia nas alusões, calculada para repercutir, é enfática à sua maneira: um recurso caro ao humorismo machadiano, *mais amigo da insinuação venenosa que da denúncia*” (SCHWARZ, 2012, p. 112, grifo nosso).

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. [...] Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira (ASSIS, 2006, p. 136).

Considerando a leitura integral do conto, compreendemos que a alma exterior, para o narrador-personagem, corresponde ao mundo físico e, no caso das relações humanas, ela é responsável pela posição que o indivíduo ocupa na vida social. Antes de ser investido no cargo de alferes, a pobreza era a companhia da personagem, mas após a investidura, “No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes” (ASSIS, 2006, p. 139). Sua humanidade é paulatinamente substituída pelo cargo.

[...] – O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado (ASSIS, 2006, p. 138-139).

As imagens que o próprio narrador cria em torno de si – as cortesias e os rapapés que todos lhe concedem pela sua posição – ganham um contraste cáustico diante do cativo. Não excluamos do nosso horizonte os pares “alma exterior” e “alma interior”, pois elas guiarão o raciocínio da personagem que expõe sua história.

Ao assumir a posição de alferes, Jacobina recalca seu aspecto humano, isto é, a alma interior⁶, no entanto ainda lhe sobram regalias e lisonjas de toda ordem. Embora não se enxergue mais o homem, mas tão somente o alferes, a este ainda restam o respeito e a reverência daqueles que reconhecem a importância do cargo. A situação diametralmente oposta é a do escravo, visto que, ao ser reduzido à condição de semovente, o que o aguarda é a plena perda da humanidade e o agir maquinístico⁷. Diante do sistema escravocrata, sua condição de homem livre – a

⁶ A rigor, como bem observa João Cezar de Castro Rocha, Machado de Assis ensina nesse conto que, numa sociedade desigual e hierarquizada, o que não existe é intimidade, interioridade, isto é, alma interior, uma vez que esta, não menos que a alma exterior, encontra-se colonizada (ROCHA, 2021) e, portanto, suspensa de qualquer humanidade plena. Em *Cordialidade à brasileira* (2005), o crítico faz comentário semelhante: “Literalmente habituado a ser reconhecido pela patente, Jacobina descobre-se sozinho, ou melhor, cercado por escravos – possivelmente a forma mais cruel de solidão numa sociedade escravocrata. Muito em breve, principia a duvidar da própria existência (social). Na cortante formulação de Machado, ‘o alferes eliminou o homem’. Vale dizer, sem o espelho proporcionado pelo olhar do outro, tornamo-nos invisíveis, sobretudo a nossos próprios olhos” (ROCHA, 2005, p. 8).

⁷ Embora seja evidente que o escravizado nunca se tornou cativo sem resistência e sem compreensão da sua posição abjeta na estrutura escravocrata, o que chamamos de “agir

alma exterior – extirpa-se, de modo que, sem vontade própria e sob o jugo do mandonismo senhorial do Brasil oitocentista, o negro escravizado é posto na condição de autômato, de simples objeto de toda transação comercial imaginável⁸.

A temática da escravidão fica patente no conto quando o alferes vai à casa de sua tia Marcolina, a qual, após alguns dias, precisa fazer uma viagem para cuidar da filha que está enferma. Em virtude do acontecimento, Jacobina – o alferes – fica na companhia apenas dos escravos a fim de zelar pela casa de Marcolina. Eis o que se segue na narrativa:

[...] o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. *Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais.* O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil (ASSIS, 2006, p. 139, grifo nosso).

É interessante que, diante dos cativos, a “alma exterior” de Jacobina “se reduzia”, pois o alferes não encontrava mais pessoas que superestimassem seu cargo. Os escravizados até o elogiavam: “Nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general” (ASSIS, 2006, p. 139), mas eram “espíritos boçais”, cujas palavras se dissipam tão logo são proferidas; seu valor é diminuto.

A importância do cargo de alferes em Jacobina declina de vez com a fuga dos escravos. Sem o respeito dos brancos e a servidão e temor dos cativos, sua altivez degradinga; sua alma exterior se desvanece.

Ah! pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.
 – Matá-lo?
 – Antes assim fosse.
 – Cousa pior?
 – Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram (ASSIS, 2006, p. 139).

Neste fragmento, chamamos a atenção para os termos “movimento próprio” em oposição a “espíritos boçais”, já sublinhado anteriormente. A fuga representa a ruptura com o estado de autômato a que o jugo senhorial escravagista submete o negro. A expressão “de movimento próprio” acentua o aspecto humano e consciente do homem negro contra o regime escravocrata. Sobre esse trecho específico do conto, Eduardo de Assis Duarte faz uma observação inteligente, ao

maquinístico” não nega a luta permanente dos negros contra a escravidão, mas apenas sobrevaloriza a perda do arbítrio do homem negro escravizado e reduzido à condição de mercadoria.

⁸ Para um aprofundamento da condição do negro no Brasil do século XIX, cf. entrevista com Chalhoub (2016).

dizer que a narrativa ressalta “[...] a astúcia dos negros, em oposição ao conceito que deles tinha o visitante: ‘espíritos boçais’. Aproveitando da situação, os habitantes da senzala põem à mostra sua coragem e capacidade dissimuladora” (DUARTE, 2020, p. 302). A fuga não é só a liberdade, mas também a mais pura revolta dos negros contra a sua escravização.

Não obstante a referência explícita à escravidão só apareça em um ou dois momentos do conto – e ainda assim de maneira sutil –, defendemos que toda a sua arquitetura aponta para uma representação contundente do evento. Os pares “alma externa” e “alma interna” funcionam, mesmo que em tom de galhofa e de fina ironia, como imagens representativas da perda da integridade humana pela condição de cativo. No caso dos escravos, a integridade talvez se restitua com a fuga, enquanto em Jacobina, ela se dissipa, permanecendo apenas o cargo de alferes, que ele vê refletido no espelho, momento em que se reconhece como tal e extirpa seu estado de “[...] sonâmbulo, um boneco mecânico” (ASSIS, 2006, p. 141). Assim, a fuga da senzala rompe com as ações maquinísticas do escravizado, e o reconhecimento do cargo de alferes restitui a posição social de Jacobina, o que, nesse caso, não implica necessariamente ganho interior e humano.

Sem dúvida, Machado de Assis não equipara a situação do homem negro escravizado com a de Jacobina, pois, se para este o simples reconhecimento do cargo é uma mola propulsora para alinhavar suas “duas almas”, para os escravizados, é preciso um passo a mais, pois a colonização “[...] exigia dos colonizados não apenas que eles mudassem suas razões de viver, mas também que mudassem de razão” (MBEMBE, 2019, posição 184). Dito de outra forma, o sistema escravocrata põe de ponta-cabeça a consciência de ser e de estar no mundo do homem negro, que transita da condição de livre para um corpo a ser arrasado pelo desmando colonial.

Em “Posição do narrador no romance contemporâneo”, percebemos que o realismo, com seus procedimentos com vistas a “provocar a sugestão de real”, se tornou questionável, pois “Do ponto de vista do narrador, isso [o real] é uma decorrência do subjetivismo, que não tolera mais nenhuma matéria sem transformá-la, solapando assim o preceito épico da objetividade” (ADORNO, 2003, p. 55). Em outras palavras, nenhuma narrativa é “realista”, já que ela é uma forma de representação que perpassa pelo polo subjetivo do narrador. É interessante observar que Machado de Assis, já no século XIX, havia percebido o engodo da “literatura realista” e, por isso mesmo, subvertia seus procedimentos estéticos.

No romance *Dom Casmurro* (2008), o ângulo narrativo está fechado em Bentinho, que, portanto, expõe, em perspectiva limitada e parcial, os fatos. Acreditar nas palavras desse narrador casmurro é ceder à armadilha narrativa montada por Machado de Assis; o engodo faz desmoronar a ilusão realista, pois

Ao adotar um narrador unilateral, fazendo dele o eixo da forma literária, Machado se inscrevia entre os romancistas inovadores, além de ficar em linha com os espíritos adiantados da Europa, que sabiam que toda *representação* comporta um elemento de *vontade* ou *interesse*, o dado oculto a examinar, o *indício da crise da civilização burguesa* (SCHWARZ, 2006, p. 13, grifo do autor).

Roberto Schwarz chama a atenção para a arquitetura de um narrador plenamente envolvido na exposição dos seus argumentos e que merece, portanto, a desconfiança do leitor. Isso nos remete também ao conto “O espelho”, no qual, embora haja a presença de um narrador em terceira pessoa – que em tese oferece uma visão imparcial dos fatos –, é Jacobina quem conta a história. Lembremos ainda que ele “não discute” e, diante de seu relato, exige dos colegas o “ouvir-me calados”. Ora, se a narração é conduzida pela parte interessada nos fatos (Jacobina) e se essa figura não admite que o contradigam, os princípios da literatura “realista” não se sustentam, haja vista que o que assoma dessa aritmética não é o “real”, mas o mais vigoroso subjetivismo. É nessa articulação aguda e ácida entre forma e conteúdo que Machado de Assis produz uma representação pujante do sistema de escravidão no Brasil do século XIX. A gíngua machadiana desvia a atenção do leitor para questões “metafísicas”, mas o que o escritor aponta, nas linhas profundas do conto, é o desnudamento da escravidão nos trópicos.

“Pai contra mãe” e “O caso da vara”: uma capoeira verbal atenuada

Em “Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis”, de Sidney Chalhoub, o autor apresenta, na escrita ficcional machadiana, um amplo painel da presença de imagens e situações do sistema escravocrata do Brasil no século XIX. De *Memórias póstumas de Brás Cubas* a “Mariana”, o escravismo está presente. Não obstante, nos contrapomos à afirmação de que

Por motivos vários – artísticos, políticos, pessoais –, [...] as cousas mudam muito a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas* [...] Nada mais é o que parece ser. Machado desbundou, se me permitem a expressão, pois agora o racismo vira abstração cientificista, a violência senhorial é descrita com a pena da galhofa [...] e mesmo a mulher abusada se torna negra por alegoria, ao ser comparada a uma borboleta preta (CHALHOUB, 2020, p. 110, grifo nosso).

Demonstramos que os contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, publicados respectivamente em 1899 e 1906, após as *Memórias*, apresentam uma exposição direta do racismo em vez de sua representação abstrata ou “cientificista”. Nesses dois contos, as personagens “Lucrecia” e “Arminda” não sofrem alegorias, sendo os desmandos da escravidão, desde o início, postos às claras. Se não podemos dizer que, nessas histórias, Machado troca a dissimulação pelo libelo, tampouco é seguro afirmar que a dissimulação é a estratégia dominante nessas narrativas.

O próprio Sidney Chalhoub reconhece que, em “Pai contra mãe”, “[...] um tema certo dela [da narrativa], para Machado de Assis, era a necessidade de lembrar, de lidar de frente com este nosso passado terrível que ainda não acabou de passar” (CHALHOUB, 2020, p. 122). É esse “lidar de frente” que demonstramos a seguir.

Nas primeiras linhas de “Pai contra mãe”, o leitor se depara com um conjunto de instrumentos de tortura da escravidão, além de hábitos circunscritos à

época. Em vez do desvio ou da dissimulação – procedimento narrativo visto em “O espelho” –, Machado de Assis escolhe a descrição crua do evento.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço; outro, o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. [...] Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel (ASSIS, 2017, p. 127).

O ofício a que o narrador faz referência é o de capturador de escravos fugidos. Assim, a história se vincula à Cândido Neves, protagonista do conto, o qual, após assumir e abandonar vários empregos (tipógrafo, caixeiro, fiel de cartório, carteiro, entalhador e outros), assume o ofício de prender cativos fugidos. “[...] Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos [...] davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem” (ASSIS, 2017, p. 129).

Cândido Neves não se matinha, com facilidade, em emprego algum, mas a paixão por Clara e, em consequência, o casamento e a vinda do filho, fizeram a personagem permanecer firme no ofício de capturador de escravos. A vida de Cândido e sua família se agrava quando o filho nasce, sendo que, na iminência do despejo e sem condições de pôr comida na mesa, o protagonista se vê obrigado a seguir o cruel conselho de tia Mônica: colocar a criança na roda dos enjeitados. Não sem resistência, muito menos sem sofrimento, Cândido e Clara decidem pela doação da criança; é, no percurso em direção à roda, que reconhecerá Arminda, escrava cuja captura prometia gratificação vultuosa. Eis a ação do protagonista:

– Arminda! – bradou, conforme a nomeava o anúncio. Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário (ASSIS, 2017, p. 138-139).

Durante a cena da captura, o leitor descobre que Arminda está grávida e que, assim como Cândido, ela também luta para salvar seu filho. A maneira como o narrador apresenta essa imagem revela, simultaneamente, a indiferença de Cândido diante da situação de Arminda e a evidente barbárie do próprio sistema da escravidão, em que o capturador de escravos é apenas uma peça de uma maquinaria maior. A cena seguinte dá concreção aos argumentos expostos:

– Estou grávida, meu senhor! – exclamou. – Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! [...] Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja

compreendia o que era e naturalmente não acudia. *Arminda ia alegando que o senhor era muito mau*, e provavelmente a castigaria com açoutes – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoutes.

– Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? – perguntou Cândido Neves (ASSIS, 2017, p. 139, grifo nosso).

A ironia fica patente quando, em paralelo com a fala de Arminda, recordamos as palavras do narrador na descrição da escravidão. Sobre a situação dos cativos, ele diz que “Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói” (ASSIS, 2017, p. 128). Quando olhamos a questão a partir das palavras de Arminda, não resta dúvida de que, sob o jugo do senhor, o que imperava era a iniquidade contra o corpo negro escravizado.

Em “O caso da vara”, a narrativa apresenta Damião fugindo do seminário e, apesar de o narrador se deter, em parte nesse conflito, é o tema da escravidão que adquire os maiores contornos na história. Defendemos a hipótese de que Damião exercita o domínio sobre Sinhá Rita e, por conseguinte, sobre João Carneiro. Desde o princípio está assinalado o cinismo de Damião, que se utiliza da relação escusa entre Sinhá Rita e o tio para, em benefício próprio, se salvar da vida eclesiástica. Os matizes desse cinismo da personagem ganham formas mais contundentes na sua negativa em livrar Lucrécia do açoite. Em diálogo entre Sinhá Rita e Damião, percebemos a malícia do seminarista.

Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

– *Meu padrinho?* Esse é ainda pior que papai; *não me atende, duvido que atenda a ninguém...*

– Não atende? – interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios.

– Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já (ASSIS, 2012, p. 32-33, grifo nosso).

Ao jogar com a ideia de que o padrinho “não atende ninguém”, Damião inicia seu controle sobre Sinhá Rita, que, desafiada pelo garoto, sente-se impelida a provar o contrário. Em última instância, exigir que João Carneiro interviesse junto ao pai do menino, para que este não seguisse a vida religiosa, era também uma prova de que o padrinho do seminarista estaria disposto a enfrentar as maiores dificuldades para não contrariar Sinhá Rita. Eis uma evidência de amor.

O conto se encaminha para o conflito central quando, diante de uma anedota contada por Damião, uma das crias de Sinhá Rita ri. Verificado que Lucrécia tinha suspendido suas tarefas para ficar atenta às palavras do rapaz, Sinhá Rita não hesita na ameaça: “– Lucrécia, olha a vara!” (ASSIS, 2012, p. 33). No mesmo instante,

Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura

na mão esquerda. Contava onze anos. *Damião* reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. *Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa* (ASSIS, 2012, p. 33, grifo nosso).

A onisciência do narrador nos permite acessar os pensamentos de *Damião*, o qual, apesar de assumir o compromisso de proteger a menina, no desfecho do conto, tomará caminho contrário. Tomamos ciência de que *João Carneiro* conseguira convencer o pai de *Damião* a refletir mais um pouco sobre o destino do rapaz, adiando sua decisão para o dia seguinte. Até lá, o tio do menino se compromete a continuar o seu papel de demover a ideia de entregar *Damião* à vida religiosa. Quando os arranjos de *Sinhá Rita* anunciam uma possibilidade de o jovem sair em definitivo do seminário, é a hora de a mulher verificar se *Lucrecia* terminou os trabalhos. Em caso negativo, resta à cria o açoite.

Era a hora de recolher os trabalhos. *Sinhá Rita* examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só *Lucrecia* estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; *Sinhá Rita* [...] ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

– Ah malandra!

– Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

– Malandra! Nossa senhora não protege vadias!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

– Anda cá!

– Minha senhora, me perdoe! – tossia a negrinha.

– Não perdoo, não. Onde está a vara?

[...] A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. *Sinhá Rita*, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

– Sr. *Damião*, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião [...] tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele atrasara o trabalho...

[...] *Damião* chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...[...] *Damião* sentiu-se pungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou a vara e entregou-a a *Sinhá Rita* (ASSIS, 2012, p. 37-38).

O seminarista até se sente “compungido”, mas não o suficiente para contrariar *Sinhá Rita*, que agora está no controle. A justificativa irônica que o narrador dá para explicar a atitude de *Damião* soa corrosiva: o menino queria ajudar, “mas ele precisava tanto sair do seminário”. Nesse caso, talvez, a menina negra “[...] não é outra coisa senão o ponto de fixação patológica de uma ausência de relação” (MBEMBE, 2018, posição 896). Em outros termos, *Damião* não consegue estabelecer uma relação entre ele e *Lucrecia*, a ponto de condoer-se verdadeiramente com a situação da menina, porque ela é pura ausência, assim, os sofrimentos da criada até sensibilizam o rapaz, mas não mudam sua razão. Observado sob o ângulo do homem branco, o iminente açoite de *Lucrecia* não é

motivo razoável para que Damião decline de seu intuito maior e primeiro: a saída do seminário.

A posição que o narrador ocupa nos contos “Pai contra mãe” e “O caso da vara” são semelhantes, visto que, em ambos, a figura a apresentar os fatos é o narrador onisciente. Esse procedimento formal escolhido por Machado de Assis, para enquadrar a escravidão, tem consequências produtivas na representação do evento. Nosso esforço a partir de agora é demonstrar algumas dessas consequências.

Em “Pai contra mãe”, é o olhar impiedoso do narrador externo que mostra as falhas do protagonista, pois Cândido “Tinha um defeito grave [...], não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo” (ASSIS, 2017, p. 129). É exatamente essa sua “dificuldade” de fincar os pés em algum trabalho que o levará ao exercício de capturar escravos, cujo desfecho é a cena com Arminda. Acrescentamos também que é sob o ângulo do narrador em terceira pessoa que acompanhamos o aborto da escravizada e a atitude do protagonista.

No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta, a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo o espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre (ASSIS, 2017, p. 140).

A maneira como Cândido lida com a perda do filho de Arminda é tão cruel quanto a sua justificativa derradeira, segundo a qual, “– Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 2017, p. 140). É certo que, se a narração fosse apresentada por um narrador em primeira pessoa, o ângulo a conduzir os fatos provavelmente elaboraria uma justificativa mais dissimulada e menos atroz.

O narrador de Machado usa o vocabulário exato para descrever a maneira como Cândido acompanha a cena do aborto: ele “viu todo o espetáculo”. Precisamente, o marido de Clara não visualiza o sofrimento de Arminda na condição de um drama, mas de um evento. A preocupação da personagem com as horas logo demonstra que a vida ali interrompida merece apenas atenção fugaz.

Os nomes de ruas e personagens também funcionam em antinomia, a fim de acentuar o aspecto irônico da narrativa. Para não nos estendermos muito, cabem aqui um ou dois exemplos. Em sentido figurado, “cândido” é um ser “Puro, inocente” (HOUISS, 2011, p. 159), ou ainda “Sincero, franco, límpido” (FARIA, 2003, p. 157). Observando as ações de Cândido sob a lente do narrador externo, o que vemos, no entanto, é uma sequência de egoísmo e iniquidade. Sem dúvida a partir das atitudes do protagonista, o narrador machadiano confronta o leitor com o estatuto dos seus próprios valores humanísticos. Em situação similar, custa crer que não agiríamos aos moldes de Cândido Neves. A distância entre o nome que carrega e seus atos é exemplar do contraste que, em articulação com outros procedimentos formais, constituem a estética crítica dessa história.

Após a fuga, Arminda parecia andar com frequência nas Ruas do Parto e da Ajuda⁹. É nesta, inclusive, onde ocorre sua captura por Cândido. É também na Rua da Ajuda que Cândido entrega seu filho ao farmacêutico para depois retornar e encontrá-lo a salvo. Em Arminda, a nomeação da rua funciona como antinomia plena; já para Cândido, o encaixe semântico é perfeito. O nascimento do filho da escrava não é um parto, mas um aborto, contrapondo-se também ao nome da rua carioca por onde ela passava.

No conto “O caso da vara”, também encontramos procedimento similar. Damião apadrinha Lucrecia com o intuito de livrá-la do possível castigo, e as razões que o levam a não cumprir com a palavra soam cínicas: o rapaz queria ajudá-la, mas ele necessitava muito sair do seminário (ASSIS, 2017). O narrador em terceira pessoa deixa patente o egoísmo da personagem. Não há dúvidas de que, se Damião estivesse com a palavra, a narração receberia outro tom, seguramente menos inclinado a acentuar os sofrimentos de Lucrecia do que a justificar a atitude do jovem seminarista.

O ângulo externo não permite que nenhuma informação permaneça oculta para o leitor na história de Damião. Ao refletir sobre a possibilidade de seu pai surpreendê-lo na casa de Sinhá Rita e levá-lo embora para o seminário, o rapaz pensa em uma forma de fuga: “Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos; correu ao quintal, e calculou que podia saltar o muro” (ASSIS, 2012, p. 36). Em seguida, ao pedir à sua protetora uma sobrecasaca que disfarçasse os trajes do seminário, ouvimos do narrador: “Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro” (ASSIS, 2012, p. 36). No entanto, o que saí da boca da mulher são estas palavras: “- Tenho um rodaque do meu defunto - disse ela, rindo” (ASSIS, 2012, p. 36). O narrador onisciente, ao revelar o íntimo das personagens ao leitor, - que neste caso consiste em expor claramente a relação oculta entre João Carneiro e Sinhá Rita -, lança a elas também o olhar implacável contra suas falhas que, em certa medida, são extensão do social.

A posição do narrador nos dois contos, portanto, contribui para uma representação mordaz, e mesmo, impiedosa dos perpetradores da violência contra o negro escravizado. Os narradores não sondam Arminda e Lucrecia pela perspectiva dessas personagens, isto é, não acessamos a narração pelo olhar das escravizadas. Por outro lado, ao adotar o ângulo externo, os narradores desnudam as atitudes bárbaras dos protagonistas e, por conseguinte, revelam a brutalidade de um sistema maior: a escravidão do Brasil oitocentista. Com essa urdidura narrativa, o que emerge dos contos não é a dissimulação, mas um embate direto contra o horror do regime escravagista.

Considerações finais

A escrita de Machado de Assis comporta sempre uma gama de leituras e interpretações várias. Nessas linhas preliminares, partimos da hipótese de que, embora na maior parte de sua produção ficcional o autor opte pela dissimulação narrativa na representação do sistema escravocrata brasileiro, existem momentos em que Machado recalca a dissimulação para “lidar de frente” com o problema.

⁹ Ruas do Rio de Janeiro no século XIX.

Para fundamentar nossa hipótese, analisamos os contos “O caso da vara” e “Pai contra mãe”, histórias em que o Bruxo do Cosme Velho evoca menos a capoeira verbal que o embate direto. Na narrativa de Cândido Neves, o autor abre o conto com a descrição dos instrumentos da escravidão, tal como “a máscara de folha de flandres”, “o ferro ao pescoço”, “o ferro ao pé” etc., enquanto, em “O caso da vara”, o próprio título é uma referência ao dispositivo do açoite.

Demonstramos que, na representação da escravidão, o conto “O espelho” é um exemplo forte da capoeira verbal machadiana (DUARTE, 2020). O desvio da narrativa pode, em uma leitura menos atenta, afastar o leitor do foco central, que é a escravatura. O ângulo narrativo do conto colabora na criação de uma perspectiva subjetiva da narração e nos faz desconfiar da “objetividade” na palavra do narrador.

Na medida do possível, fizemos também o esforço de conjugar a representação da escravidão nos contos com os procedimentos narrativos adotados por Machado de Assis. Na linha de leitura que propusemos, é plausível afirmar que a escolha de um narrador em primeira pessoa em “O espelho” e de um narrador onisciente em “O caso da vara” e “Pai contra mãe” são decisivos para uma perspectiva mais dissimulada no primeiro e um enfoque mais direto nos dois últimos. Para Damião e Cândido Neves, o que resta é o olhar impiedoso do narrador externo. Por outro lado, em “O espelho”, Jacobina tem maior possibilidade na construção de argumentos em benefício próprio. Isso não significa que na história de Jacobina Machado tenha sido complacente com seu protagonista e mais implacável com os demais. Não, apenas a técnica narrativa é diversa em um e outro. O resultando, no entanto, é a crítica à escravidão e seus perpetradores.

O fato de Machado de Assis ser um autor negro provavelmente tornou sua percepção mais aguda para a condição dos negros africanos escravizados no Brasil, todavia sua identidade afrodescendente pode atuar como parcela, mas não como elemento definidor da realização estética de sua obra. É antes a técnica de compor e manusear o material linguístico que o torna um autor inquestionavelmente arguto. Como bem lembra T.S. Eliot, “[...] quanto mais perfeito for o artista, mais inteiramente separado estará nele o homem que sofre e a mente que cria; e com maior perfeição saberá a mente digerir e transfigurar as paixões que lhe servem de matéria-prima” (ELIOT, 1989, p. 43). Em outros termos, é necessário combater a ideia romântica de que o processo de criação artística deve ser guiado pelos sentimentos e pela supremacia do individualismo. T.S. Eliot argumenta justamente em sentido contrário, ou seja, à medida que o escritor tem a percepção histórica, sua individualidade cede lugar ao trabalho artístico em diálogo crítico e consciente com a tradição, percebendo que sua arte só será algo genuinamente “novo” se a renovação vier a partir da interlocução com os seus e com aqueles que o antecederam.

Referências

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. *In*: ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 55-63.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: TERRA, Helena; RUFFATO, Luiz (org.). *Uns e outros: contos espelhados*. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 127-140.

ASSIS, Machado de. O caso da vara. In: ASSIS, Machado de. *Missa do Galo seguidos dos contos O espelho/.../*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 31-38.

ASSIS, Machado de. Missa do Galo. In: ASSIS, Machado de. *Missa do Galo seguidos dos contos O espelho/.../*. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 5-12.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Globo, 2008.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 2008.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. 2. ed. São Paulo, Martin Claret, 2006. p. 135-143.

ASSIS, Machado de. Mariana. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: antologia crítica*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 115-132.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. Escravidão e racismo em obras de Machado de Assis. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney (org.). *Pensadores negros pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020. p. 99-122.

DUARTE, Eduardo de Assis. A capoeira literária de Machado de Assis. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: antologia crítica*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 283-294.

DUARTE, Eduardo de Assis. Narrativas de escravização e branquitude. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente: antologia crítica*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 295-309.

DUARTE, Eduardo de Assis. O caramujo e o carcará: vozes negras na luta antiescravista. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente*. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020. p. 331-338.

ELIOT, T.S. Tradição e talento individual. In: ELIOT, T.S. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

FARIA, Ernesto. Candidus, -a, -um. In: FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003. p. 157.

GAMA, Luiz. *Trovas burlescas*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

HISTÓRIA: história e literatura – Sidney Chalhoub. 2015. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo Canal UNIVESP. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=e5jnTFQg6as> >. Acesso em: 27 fev. 2021.

HOUAISS, Instituto Antônio. Cândido. In: HOUAISS, Instituto Antônio (org.). *Dicionário Houaiss conciso*. São Paulo: Moderna, 2011. p. 159.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. O sujeito racial. In: MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. Versão Kindle.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2019. Versão Kindle.

NA ÍNTEGRA: Sidney Chalhoub – história do Brasil – abolição. 2016. 1 vídeo (59 min.). Publicado pelo Canal UNIVESP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HasU6yOmsQs>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.). *Cordialidade à brasileira: mito ou realidade?*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. p. 9-31.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SEGUNDA aula do curso Somos todos Otelo? [ministrado por João Cezar de Castro Rocha]. 2021. 1 vídeo (142 min.). Publicado pelo canal Casa de Leitura Dirce Cortês Riedel. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3d4s0ZGMZ20&t=10s>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SIMON, Cris. Caixa suspende comercial com “Machado de Assis Branco”. *Exame*, [São Paulo], set. 2011. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/caixa-suspende-comercial-com-machado-de-assis-branco/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

Para citar este artigo

ALVES, Adão Marcelo Lima Freire. “O caso da vara” e “Pai contra mãe”: narrativas na contracorrente da dissimulação machadiana sobre a escravidão. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 947-963, set.-out. 2021.

O autor

Adão Marcelo Lima Freire Alves é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão. Autor do artigo *A perda da autoridade do narrador como recurso formal na representação da violência em K. relato de uma busca, de Bernardo Kucinski* (2021), publicado pela Revista EntreLetras, e do ensaio *Notas sobre violência na canção As caravanas, de Chico Buarque* (2021), publicado pela Revista Desenredos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5239-6946>.